

## PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS PELA COMUNIDADE SÃO MIGUEL, ZONA RURAL DE VÁRZEA GRANDE, MATO GROSSO, BRASIL

Jeneffer Soares dos Santos Mamede<sup>1</sup>  
Maria Corette Pasa<sup>2</sup>

**RESUMO:** O estudo foi realizado na comunidade São Miguel, zona rural de Várzea Grande, Mato Grosso, com o objetivo de resgatar o conhecimento que as pessoas possuem sobre plantas usadas como remédio. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas e observação direta, abordando as partes usadas, a preparação da planta e a indicação das mesmas. A coleta dos dados ocorreu de março de 2013 a abril de 2014. Dos entrevistados, 13% não apresentam escolaridade, numa faixa etária de 44 a 72 anos de idade. Os entrevistados citaram 188 espécies, distribuídas em 67 famílias, sendo Asteraceae, Fabaceae, Lamiaceae e Rubiaceae as mais expressivas. A parte mais utilizada para o preparo de remédios foi a folha (55,7%), sendo o chá a forma de preparo mais comum (58,50%). A espécie com maior índice de concordância de uso foi o *Plectranthus barbatus* Andrews, indicado para o tratamento do estômago.

**Palavras-chave:** Concordância de uso. Diversidade vegetal. Etnobotânica.

**ABSTRACT:** (MEDICINAL PLANTS USED BY THE COMMUNITY SÃO MIGUEL, ZONE RURAL VÁRZEA GRANDE, MATO GROSSO, BRAZIL). The study was conducted at the San Miguel community, rural Lowland Grande, Mato Grosso, with the aim of rescuing the knowledge that people have of plants as medicine. There were semi-structured interviews and direct observation, addressing the use, preparation plant and an indication of the same. Data collection occurred from March 2013 to April 2014. Among the respondents, 13% have no schooling, an age group 44-72 years old. Respondents cited 188 species distributed in 67 families, with Asteraceae, Fabaceae, Lamiaceae and Rubiaceae the most expressive. The most widely used for the preparation of remedies part was the leaf (55.7%), and the tea most common form of preparation (58.50%). The species with the highest concordance index was corrected using the *Plectranthus barbatus* Andrews, indicated for the treatment of stomach.

**Keywords:** Ethnobotany. Plant diversity. Use agreement.

---

<sup>1</sup> Mestranda do PPG em Ciências Florestais e Ambientais. UFMT. jeneffer@hotmial.com

<sup>2</sup> Prof<sup>ª</sup>. do PPG em Ciências Florestais e Ambientais. UFMT/Cuiabá, MT.  
pasamc@brturbo.com.br

## INTRODUÇÃO

Segundo a OMS cerca de 80 % da população mundial utiliza os vegetais na busca da cura para diversas enfermidades, ainda que sem indicação clínica. Assim, pesquisas nessa área podem contribuir na elucidação de dúvidas quanto ao uso, mecanismo de ação e possível ação tóxica dessas drogas, além de propiciar o desenvolvimento de medicamentos com custo e tempo menores, tornando-os mais acessíveis à população (OMS, 2000).

Segundo Caballero (1979), Etnobotânica é a ciência que estuda as plantas e a interação destas com as comunidades humanas, assim como investiga novos recursos vegetais.

Nas comunidades rurais o uso de plantas medicinais ainda é a alternativa viável para o tratamento de doenças ou para a manutenção da saúde, por estas serem, na maioria das vezes, o único recurso disponível para nas proximidades. Por isso, a informação coletada junto à população a respeito do uso de plantas é de fundamental importância, ressaltando que as plantas medicinais estão sendo revalorizadas apontando a possibilidade de utilização de novos fármacos (Pasa, 2007).

Conhecer o sistema de manejo de como estas espécies são utilizadas é de grande valia para o homem, já que muitas comunidades mantêm um contato duradouro e recíproco com os vegetais (Albuquerque e Andrade, 2002). Existem plantas que podem ser usadas para mais de uma doença, e várias espécies que podem ser usadas tanto separadamente como em combinação para tratar uma doença específica. (Pasa, 2011).

No Brasil, o interesse pelo estudo das plantas medicinais tem crescido em resposta a atual tendência mundial de preocupação com a biodiversidade (Mosca e Loiola, 2009). Diversas drogas derivadas de plantas foram descobertas como resultados de estudos químicos feitos a partir de plantas usadas na medicina tradicional (Ming, 2006). A prática do uso das plantas na medicina tradicional está incluída e reconhecida no sistema primário de saúde em países em desenvolvimento já que estes possuem 67 % das espécies vegetais do mundo (MS, 2006).

Assim fica evidente a importância de se fazer um levantamento etnobotânico de uma determinada região, para saber quais as plantas usadas pela medicina popular, identificá-las e fazer um estudo mais apurado para saber se ela tem eficácia para ser recomendada a todos (Lorenzi e Matos, 2002). A etnobotânica busca, portanto, resgatar e preservar os conhecimentos tradicionais das pessoas em relação às espécies vegetais, seus usos, manejos e relações com o ambiente (Freitas *et al.*, 2012).

Assim, o presente estudo objetivou resgatar o conhecimento da população local sobre o uso de plantas como remédio.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

### **Área de estudo**

A pesquisa foi desenvolvida na Comunidade São Miguel localizado na zona rural do município de Várzea Grande/MT. O clima da região é tropical semiúmido (Aw na classificação de Köppen), com precipitação pluviométrica anual de 1.350 mm e apresenta duas estações bem definidas: a seca, que vai de abril a outubro, e a chuvosa, que vai de novembro a março (INMET, 1996).

A temperatura média anual é de 26°C, com temperaturas mínimas próximas a 15°C, em julho e, máximas superiores a 32°C, em outubro. A umidade relativa do ar varia muito, com a média anual em torno de 74% (Funasa, 2007). O solo é classificado como argissolo vermelho amarelo distrófico, de textura arenosa média (Machado *et al.*, 2013). A vegetação é composta por savana arbórea aberta (cerrado), capoeira e mata ciliar (Oliveira, 2008).

### **Metodologia**

O levantamento etnobotânico sobre o uso das espécies medicinais nos quintais foi realizado através de entrevistas semiestruturadas (Minayo, 1992) com perguntas fechadas e/ou abertas no período entre março de 2013 a abril de 2014.

Para estas entrevistas, foram escolhidas aleatoriamente 46 propriedades. As entrevistas foram realizadas nas próprias residências, onde primeiramente houve um esclarecimento a respeito dos objetivos do estudo. Os moradores que aceitaram participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a realização da pesquisa.

As coletas de amostras vegetais das espécies (em fases reprodutiva e vegetativa) foram realizadas durante as caminhadas para montagem de exsicatas. As exsicatas do material botânico foram identificadas por especialistas do Herbário Central da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), onde se encontram catalogadas e depositadas. A grafia dos binômios

científicos foi conferida em revisões taxonômicas recentes e/ou utilizando a base de dados Trópicos, versão online, acessível pelo sítio <http://www.tropicos.org>.

Para determinar as plantas mais importantes quanto à finalidade foi calculado o Consenso Informante por meio do Nível de Fidelidade, conforme Friedman (1986), Phillips (1996) e Pasa (2011). O cálculo consiste na razão entre o número de informantes que recomendaram o uso de uma espécie para uma finalidade maior (Fid) pelo número total de informantes que citaram a planta para algum uso (Fsp), multiplicado por 100.

Para estimar o Índice de Fidelidade, utilizou-se o cálculo de porcentagem de Concordância quanto aos Usos Principais - CUP - (mais citados) para a espécie, usando-se o número de informantes que citaram o uso principal vezes 100, dividido pelo número de informantes que citaram a espécie. Devido às diferenças no número de informantes que citaram usos para cada espécie, é necessária a utilização de um Fator de Correção (FC). O Fator de Correção é igual ao número de informantes que citaram usos para a espécie, dividido pelo número de informantes que citaram a espécie principal, ou seja, com maior número de usos referidos. Assim, para calcular a porcentagem de Concordância quanto aos Usos Principais para cada uma das espécies (CUPc) é utilizada a multiplicação de CUP e FC.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram entrevistados 46 moradores, sendo 29 mulheres e 17 homens. Dentre as mulheres, a média de idade é de 50 anos, e os homens a média é de 60 anos. Quanto à atividade profissional das mulheres destacaram-se donas de casa com 45%, agricultoras com 34,4%, cozinheira com 7% e, acompanhante escolar, comerciante, faxineira e merendeira com 3,4% cada uma. A atividade laboral dos homens destaca-se agricultores com 82% e, agropecuarista, caseiro e aposentado com 6% cada um.

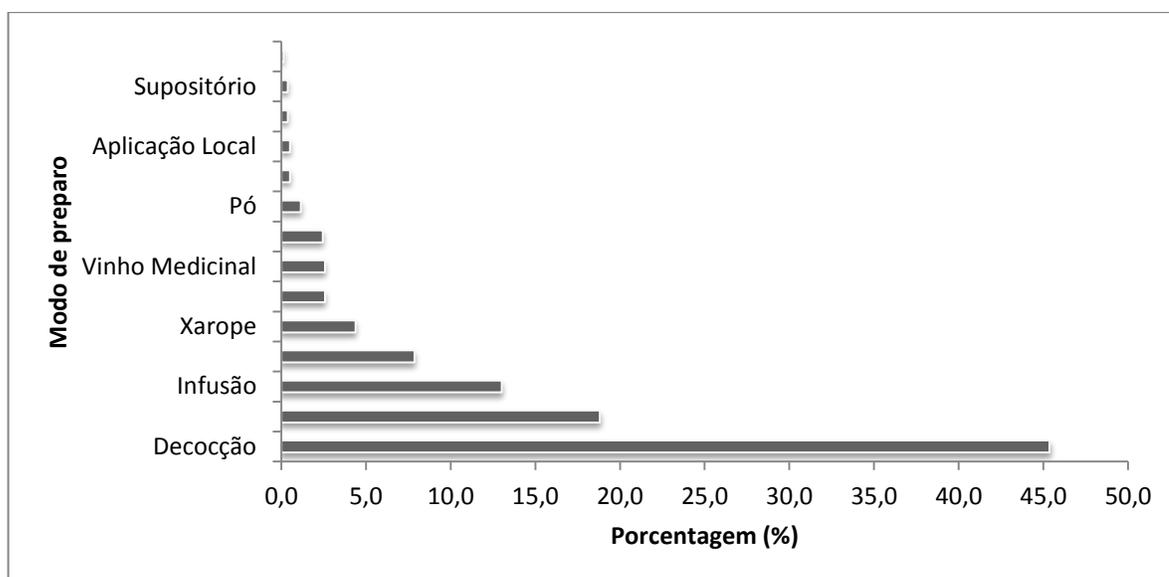
A agricultura de subsistência é a principal atividade dos homens e também das mulheres. Essas se consideram apenas donas de casas, mas ajudam na lida da lavoura igualmente aos homens. As mulheres preservam a biodiversidade através de plantações com alta densidade de espécies subutilizadas, transformando seus quintais em laboratório de experiências para a adaptação de variedades locais e não-domesticadas (Oakley, 2004).

Entre os entrevistados 87% apresentaram escolaridade, sendo que 47% não concluíram o ensino fundamental e 13% deles possuem o ensino médio completo. O desempenho escolar na comunidade estudada é reflexo da dificuldade de acesso à escola há algumas décadas atrás, aliadas a uma criação onde as crianças acompanham seus pais e avós às roças desde muito cedo e para Amorozo (2002) quem se acostuma a plantar, dificilmente deixa de exercer tal atividade, até quando migra para áreas urbanizadas.

O conhecimento e o uso a respeito das plantas medicinais são maiores entre as pessoas idosas. Para De David e Pasa (2013) esse fato evidencia forte relação cultural de uso da medicina popular na comunidade. Segundo Medeiros *et al.* (2004), os meios modernos de comunicação causam perda dessa transmissão oral dos conhecimentos sobre os usos das plantas.

Pelas entrevistas, foram catalogadas 57 famílias, 142 gêneros e 166 espécies. Dentre as famílias com maior número de espécies se encontram Fabaceae (22,8%), Asteraceae e Lamiaceae (21,0% cada uma).

O modo de preparo prevalente foi o chá, obtido por decocção, com 45% (Figura 1). A parte da planta mais empregada foi a folha (55,8%), seguida da entrecasca (19,0%), raiz (9,5%), fruto (6,4%), semente (3,9%) e outras partes como leite, resina, flor, pelo, óleo (5,4%).



**Figura 1:** Modo de preparo dos remédios caseiros na Comunidade São Miguel, zona rural de Várzea Grande, MT, Brasil, 2014.

O largo uso das folhas na preparação dos remédios também foi detectado por Souza e Pasa (2013), que analisam a preferência da folha no preparo dos remédios caseiros como um

cuidado com a conservação de recursos naturais da região, retirando partes que possam ser repostas sem causar maiores danos à planta.

A maioria das espécies (50%) citadas é de origem cultivada, seguida das nativas (40%) e as espontâneas (10%). As cultivadas são encontradas em hortas, jardins e quintais das residências. O hábito herbáceo (35%) é o mais representativo (Tabela 1), seguido de arbustivo (30%) e arbóreo (27%).

As espécies de plantas medicinais nativas continuam sendo bastante usadas, apesar do número de espécies de plantas medicinais cultivadas serem maior, em relação às plantas citadas. Para Pasa *et al.* (2005) a ampla quantidade de plantas herbáceas empregadas como medicinais deve-se ao fato de que muitas destas espécies podem ter sido introduzidas por imigrantes devido à sua facilidade de transporte de um lugar para o outro.

**Tabela 1:** Plantas medicinais usadas pela comunidade São Miguel, MT. 2014. Hábito: HB= Herbácea; SA= Subarbastivo; AB= Arbustivo; AV= Arbóreo; PAL= Palmeira; EPI= Epífita; TR=Trepadeira. Origem: N= Nativa; C= Cultivada; E= Espontânea.

<b>Espécie/Família</b>	<b>Nome comum</b>	<b>Hábito</b>	<b>Origem</b>
<b>Acanthaceae</b>			
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Anador	HB	C
<b>Adoxaceae</b>			
<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueira	AV	C
<b>Amaranthaceae</b>			
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Terramicina	HB	N
<i>Amaranthus viridis</i> L.	Caruru	HB	E
<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba	HB	C
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva de santa maria	HB	E
<b>Amaryllidaceae</b>			
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	HB	C
<i>Allium cepa</i> L.	Cebola	HB	C
<b>Anacardiaceae</b>			
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	AB	N
<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	Gonçaleiro	AV	N
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	AV	C
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	AV	N
<b>Annonaceae</b>			
<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	AV	C
<i>Duguetia furfuracea</i> (St. Hil.) Benth. & Hook	Passo livre	AB	N
<b>Apocynaceae</b>			
<i>Aspidosperma polyneuron</i> Müll. Arg.	Guatambu	AV	N
<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangava	AV	N
<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira	AV	C

Continuação...

Continuação...

<b>Espécie/Família</b>	<b>Nome comum</b>	<b>Hábito</b>	<b>Origem</b>
<b>Araceae</b>			
<i>Philodendron imbe</i> Schott ex Endl.	Cipó Imbé	HB	C
<b>Arecaceae</b>			
<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex. Mart.	Bocaiúva	PAL	N
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco-da-baía	AV	C
<b>Asphodelaceae</b>			
<i>Alloe vera</i> L.	Babosa	HB	C
<b>Asteraceae</b>			
<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	Carrapicho-de-carneiro	HB	E
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Mentrasito	HB	N
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna	SA	C
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão preto	SA	N
<i>Cnicus benedictus</i> L.	Caldo santo	HB	C
<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch. Bip. ex Walp.	Estomalina	HB	C
<i>Lactuca</i> sp. L.	Alface	HB	C
<i>Matricaria recutita</i> L.	Camomila	HB	C
<i>Orthopappus angustifolius</i> (Sw.) Gleason	Língua-de-vaca	HB	C
<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A. Gray	Flor da Amazônia	AB	C
<i>Vernonia ferruginea</i> Less.	Assa-peixe	HB	N
<i>Vernonia polyanthes</i> (Spreng.) Less.	Caferana	AB	C
<b>Bignoniaceae</b>			
<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld ex J.F. Souza	Vergateza	AB	N
<i>Cybistax antisyphilitica</i> (Mart.) Mart.	Pé-de-anta	AV	N
<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	Ipê roxo	AV	N
<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook. f. ex S. Moore	Paratudo	AB	N
<b>Bixaceae</b>			
<i>Bixa urucurana</i> Willd.	Urucum	AB	C

Continuação...

Continuação...

<b>Espécie/Família</b>	<b>Nome comum</b>	<b>Hábito</b>	<b>Origem</b>
<b>Boraginaceae</b>			
<i>Cordia</i> sp. L.	Porangaba	AV	N
<i>Cynoglossum creticum</i> L.	Língua-de-cão	HB	C
<i>Symphytum officinale</i> L.	Confrei	HB	C
<b>Bromeliaceae</b>			
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merril	Abacaxi	HB	C
<i>Ananas ananassoides</i> (Baker) L.B. Sm.	Abacaxi-do-cerrado	HB	N
<i>Bromelia balansae</i> Mez	Gravatá	HB	N
<b>Cactaceae</b>			
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Ora-pro-nobis	HB	E
<b>Caricaceae</b>			
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	AB	C
<b>Caryocaraceae</b>			
<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	Pequi	AV	N
<b>Celastraceae</b>			
<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reissek	Espinheira santa	AB	N
<b>Clusiaceae</b>			
<i>Rhedia brasiliensis</i> (Mart.) Planch. & Triana	Bacuri	AV	N
<b>Combretaceae</b>			
<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichler	Mirindiba	AV	N
<i>Terminalia argentea</i> Mart.	Capitão do campo	AV	N
<i>Terminalia catappa</i> L.	Sete copas	AV	C
<b>Commelinaceae</b>			
<i>Commelina nudiflora</i> L.	Colírio de santa luzia	HB	C
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Batata doce	HB	C
<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	Batata maruleite	AB	C
<b>Costaceae</b>			

Continuação...

Continuação...

<b>Espécie/Família</b>	<b>Nome comum</b>	<b>Hábito</b>	<b>Origem</b>
<i>Costus arabicus</i> L.	Cana-de-macaco	HB	C
<b>Crassulaceae</b>			
<i>Bryophyllum calycinum</i> Salisb.	Folha santa	HB	C
<i>Cotyledon orbiculata</i> L.	Bálsamo	HB	C
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Saião	HB	C
<b>Cucurbitaceae</b>			
<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe	HB	C
<i>Cucurbita moschata</i> Dusch.	Abóbora	HB	C
<i>Momordica charantia</i> L.	Melão-de-são-caetano	TR	C
<b>Dilleniaceae</b>			
<i>Curatella americana</i> L.	Lixeira	AV	N
<i>Davilla elliptica</i> A. St. -Hil	Lixinha	AB	N
<b>Euphorbiaceae</b>			
<i>Croton antisiphiliticus</i> Mart.	Curraleira	AB	N
<i>Croton salutaris</i> Casar.	Sangra D'água	AV	N
<i>Euphorbia</i> sect. <i>Tirucalli</i> Boiss.	Avelos	AB	C
<i>Jatropha curcas</i> L.	Pinhão branco	AB	C
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	AB	C
<i>Jatropha urens</i> L.	Cansação	SA	N
<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	AB	C
<i>Synadenium grantii</i> Hook. f.	Cancerosa	AB	C
<b>Fabaceae</b>			
<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb.) Reis	Angico	AV	N
<i>Bauhinia glabra</i> Jacq.	Tripa de galinha	TR	N
<i>Bauhinia rufa</i> (Bong.) Steud.	Pata-de-vaca	AB	N
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Jucá	AV	N
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Feijão andu	AB	C

Continuação...

Continuação...

<b>Espécie/Família</b>	<b>Nome comum</b>	<b>Hábito</b>	<b>Origem</b>
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Pau-de-óleo	AV	N
<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Cumbaru	AV	N
<i>Galactia glaucescens</i> Kunth	Três folhas	HB	E
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Jatobá	AV	N
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Fedegoso	AB	E
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	AV	N
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	AV	C
<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	Angelim margoso	AV	N
<b>Iridaceae</b>			
<i>Crocus sativus</i> L.	Açafrão	HB	C
<b>Lamiaceae</b>			
<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Tapera velha	HB	N
<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl) Kuntze	Cordão-de-São-Francisco	HB	E
<i>Mentha arvensis</i> L.	Hortelã doce	HB	C
<i>Mentha piperita</i> L.	Hortelãzinha	HB	C
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	HB	C
<i>Hyptis crenata</i> Pohl ex Benth.	Hortelão do campo	HB	C
<i>Mentha spicata</i> L.	Vick	HB	C
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Alfavacão	HB	C
<i>Ocimum</i> sp. L.	Alfavaquinha	HB	C
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	AV	C
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Hortelã pimenta	HB	C
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	AB	C
<b>Loganiaceae</b>			
<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Quina	AV	N
<b>Lythraceae</b>			
<i>Lafoensia pacari</i> A.St.-Hil.	Mangava-brava	AV	N

Continuação...

Continuação...

<b>Espécie/Família</b>	<b>Nome comum</b>	<b>Hábito</b>	<b>Origem</b>
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	AB	C
<b>Malpighiaceae</b>			
<i>Byrsonima orbignyana</i> A. Juss.	Muricizinho	AB	N
<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	Murici	AV	N
<i>Camarea ericoides</i> A. St.-Hil.	Arnica-do-campo	HB	E
<i>Heteropterys tomentosa</i> A. Juss.	Nó-de-cachorro	AB	N
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	AB	C
<b>Malvaceae</b>			
<i>Gossypium barbadense</i> L.	Algodão	AB	N
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Chico-magro	AV	N
<i>Hibiscus esculentus</i> L.	Quiabo	AB	C
<i>Gossypium</i> sp. L.	Malva branca	HB	E
<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	Neem	AV	C
<b>Moraceae</b>			
<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	Algodãozinho	AB	N
<i>Dorstenia cayapia</i> Vell.	Carapiá	TR	C
<i>Morus nigra</i> L.	Amora	AV	C
<b>Musaceae</b>			
<i>Musa parasidiaca</i> L.	Banana	AB	C
<b>Myrtaceae</b>			
<i>Eucalyptus</i> sp. L'Hér.	Eucalipto	AV	C
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	AB	N
<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg.	Jabuticaba	AV	C
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	AB	C
<i>Syzygium jambolanum</i> (Lam.) DC.	Jamelão	AV	C
<b>Nyctaginaceae</b>			
<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Pega-pinto	HB	N

Continuação...

Continuação...

<b>Espécie/Família</b>	<b>Nome comum</b>	<b>Hábito</b>	<b>Origem</b>
<b>Oxaliadaceae</b>			
<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	AB	C
<i>Oxalis hirsutissima</i> Mart. ex Zucc.	Azedinha	HB	E
<b>Phyllanthaceae</b>			
<i>Phyllanthus orbiculatus</i> Rich.	Quebra pedra	HB	E
<b>Phytolaccaceae</b>			
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	HB	C
<b>Piperaceae</b>			
<i>Piper tuberculatum</i> Jacq.	Jaborandi	AB	N
<b>Plantaginaceae</b>			
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	HB	E
<b>Poaceae</b>			
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim-cidreira	HB	C
<i>Digitaria insularis</i> (L.) Fedde	Capim-amargoso	HB	N
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	AB	C
<i>Zea mays</i> L.	Milho	AB	C
<b>Polygonaceae</b>			
<i>Polygonum acre</i> Lam.	Erva-de-bicho	HB	N
<b>Polypodiaceae</b>			
<i>Phlebodium aureum</i> (L.) J. Sm.	Rabo-de-bugio	EPI	N
<b>Rubiaceae</b>			
<i>Cordia edulis</i> (Rich.) Kuntze	Marmelada-bola	AV	N
<i>Chiococca brachiata</i> Ruiz & Pav.	Cainca	AB	N
<i>Coffea arabica</i> L.	Café	AB	C
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	AV	C
<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	AB	C
<i>Palicourea coriacea</i> (Cham) K. Schum.	Douradinha	SA	N

Continuação...

Continuação...

<b>Espécie/Família</b>	<b>Nome comum</b>	<b>Hábito</b>	<b>Origem</b>
<i>Palicourea rigida</i> Kunth	Douradão do campo	HB	N
<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.	Congonha-de-bugre	AB	N
<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd.) DC.	Unha de lagartixa	TR	E
<b>Rutaceae</b>			
<i>Citrus</i> sp. L.	Limão galego	AB	C
<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja	AB	C
<i>Citrus limetta</i> Risso	Lima	AB	C
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	SA	C
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Mamica-de-porca	AV	N
<b>Sapindaceae</b>			
<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.	Maria-pobre	AV	N
<b>Simaroubaceae</b>			
<i>Simaba ferruginea</i> A. St.-Hil.	Calunga	AB	N
<b>Siparunaceae</b>			
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Negramina	AV	N
<b>Smilacaceae</b>			
<i>Smilax</i> sp.	Salsaparrilha	TR	N
<b>Solanaceae</b>			
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta malagueta	AB	C
<i>Capsicum</i> sp. L.	Pimenta chumbinho	AB	C
<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Fumo	AB	C
<i>Solanum cernuum</i> Vell.	Panaceia	AB	N
<i>Solanum gilo</i> Raddi	Jiló	HB	C
<i>Solanum lycocarpum</i> A. St.-Hil.	Jurubeba	AB	N
<i>Solanum melongena</i> L.	Berinjela	AB	C
<i>Solanum viarum</i> Dunal	Juá	SA	N
<b>Urticaceae</b>			

Continuação...

Continuação...

<b>Espécie/Família</b>	<b>Nome comum</b>	<b>Hábito</b>	<b>Origem</b>
<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Embaúba	AV	E
<b>Verbenaceae</b>			
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson	Erva cidreira	HB	E
<i>Stachytarpheta angustifolia</i> (Mill.) Vahl	Gervão	HB	E
<b>Vochysiaceae</b>			
<i>Qualea multiflora</i> Mart.	Pau-terra macho	AV	N
<i>Vochysia rufa</i> Mart.	Pau-doce	AV	N
<b>Zingiberaceae</b>			
<i>Alpinia speciosa</i> (Blume) D. Dietr.	Colônia	AB	C
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	HB	C

O maior número de citações de doenças foi para o grupo relacionado ao Sistema Respiratório (22%) como gripe, bronquite, pneumonia, tosse e dor de garganta. Em seguida, encontram-se o Sistema Digestivo (21%), como úlcera, gastrite, azia, males do estômago, diabete e verminoses. Com 14% ficaram as doenças relacionadas ao Sistema Circulatório, como pressão alterada, males do coração, hemorroida e anemia. Com uma porcentagem menor encontram-se aquelas que acometem o Sistema Imunológico (febre, infecção, antibiótico) com 10%, Nervoso (dor de cabeça) com 8,5%, Tegumentar (ferida, machucados, micoses) com 7%, Reprodutor (cólica menstrual, corrimento) com 6%, Urinário (males dos rins, bexiga e cistite) com 4%, e o Sistema Locomotor (reumatismo), com 2%. Outras citações, como câncer, conjuntivite, dengue, virose ficaram com 5,5%.

O alto número de indicações para afecções do sistema respiratório também foi encontrado na abordagem etnobotânica feita por Zucchi *et al.* (2013) na pela comunidade de Ipameri pertencente ao Estado de Goiás. A alta incidência de problemas respiratórios possivelmente seja devido a grande quantidade de poeira proveniente das estradas de chão e da falta de água local.

As seis espécies consideradas mais importantes para a população estudada (Tabela 2), em ordem decrescente de Concordância de uso são: *Plectranthus barbatus* (Boldo), *Alternanthera brasiliana* (Terramicina), *Gossypium barbadense* (Algodão), *Cymbopogon citratus* (Capim-cidreira), *Strychnos pseudoquina* (Quina) e *Hymenaea stigonocarpa* (Jatobá).

**Tabela 2.** Valor relativo de concordância quanto aos usos principais. Comunidade São Miguel, Várzea Grande-MT. 2014.

Nome comum	Aplicação	Fsp	Fid	NU	NF	FC	Pcup (%)
------------	-----------	-----	-----	----	----	----	----------

Boldo	Males do estomago	20	17	5	85,0	1,00	85
Jatobá	Tuberculose	20	8	10	40,0	1,00	40
Algodão	Inflamação útero	16	11	7	68,8	0,80	55
Quina	Dor de cabeça	16	8	9	50,0	0,80	40
Alfavacão	Febre	16	7	8	43,8	0,80	35
Capim-cidreira	Calmanete	15	9	5	60,0	0,75	45
Terramicina	Inflamação	14	11	3	78,6	0,70	55
Aroeira	Diarreia	14	7	10	50,0	0,70	35
Babosa	Hemorroida	14	3	9	21,4	0,70	15
Manga	Tosse	12	5	4	41,7	0,60	25
Urucum	Pressão alta	12	5	6	41,7	0,60	25
Cumbaru	Fígado	12	4	12	33,3	0,60	20
Hortelã	Tosse	11	5	6	45,5	0,55	25
Goiaba	Desintéria	10	7	1	70,0	0,50	35
Mangava-brava	Úlcera	10	6	5	60,0	0,50	30
Losna	Estomago	9	7	3	77,8	0,45	35
Erva-de-santa-maria	Verme	9	6	5	66,7	0,45	30
Melão-de-São-Caetano	Coceira	9	5	6	55,6	0,45	25
Caferana	Estomago	8	7	3	87,5	0,40	35
Romã	Inflamação garganta	8	6	2	75,0	0,40	30
Camomila	Diarreia	8	5	4	62,5	0,40	25
Erva cidreira	Calmanete	8	4	2	50,0	0,40	20
Colônia	Calmanete	8	4	3	50,0	0,40	20

**Abreviações:** **Fsp** = Frequência absoluta dos informantes que citaram a espécie; **Fid** = Frequência absoluta dos informantes que citaram os usos principais; **NU** = Número de usos citados; **NF** = Nível de fidelidade; **FC** = Fator de Correção; **Pcup** = Frequência relativa de concordância quanto aos usos principais.

Três espécies apresentaram concordância quanto aos usos principais (Pcup) acima de 50%, possivelmente sendo essas as mais utilizadas pela população. O Boldo (*Plectranthus barbatus*) destacou-se em primeiro lugar entre os moradores da comunidade, apresentando frequência relativa de concordância quanto aos usos principais (Pcup) de 85%, sendo amplamente utilizado para o tratamento de doenças do estômago, fígado e indigestão. O Algodão (*Gossypium herbaceum*) e a Terramicina (*Alternanthera brasiliana*) ocupam o segundo lugar com 55% cada uma.

Das 31 espécies que apresentaram concordância quanto aos usos principais (Pcup) acima de 25%, são referidos 19 casos para problemas digestivo e respiratório (61,5% cada);

sete casos para problemas circulatório e nervoso (22,5%); e o restante representa 16%. Na comunidade São Miguel, 23% das plantas foram citadas para três tipos de doenças (NU = 3), 19% para cinco tipos de doenças (NU = 5), 17% para quatro tipos de doenças (NU = 4), 13% para seis tipos de doenças (NU = 2), 12% para dois tipos de doenças (NU = 2), e 17% para as outras quantidades de doenças citadas.

No presente estudo foi possível observar que o uso de uma planta pode ser empregada para mais de uma enfermidade, e que várias espécies podem ser usadas separadamente ou em combinação para tratar uma doença. Nota-se também que a forma de preparo ou uso varia entre as pessoas. A dosagem dos remédios caseiros variou entre as pessoas, não sendo mencionadas dosagens específicas. Para Pasa *et al.* (2011) a utilização de uma posologia informal pode acarretar consequências graves aos seres humanos, já que algumas espécies vegetais possuem substâncias tóxicas em sua composição química, como a *Nerium oleander* L., havendo necessidades especiais em sua administração.

Uma espécie que tenha vários entrevistados acordando com um mesmo uso terapêutico, pode-se confirmar estatisticamente uma real efetividade no tratamento da afecção (Pinto *et al.*, 2006) e, podem auxiliar na constatação da eficácia de determinada espécie para uso medicinal, que, no futuro, poderão servir de base para estudos farmacológicos buscando a descoberta de novas curas para doenças e/ou a melhoria de medicamentos já existentes (Roque *et al.*, 2010).

O *Ageratum conyzoides* (Mentrasto) e o *Eucalyptus* sp. (Eucalipto) apresentaram baixo nível de fidelidade, fato influenciado pelo tamanho da amostra (Fsp), de modo que, quanto menor a amostra, menor será o fator de correção (FC) e, conseqüentemente, menor o valor de Pcup.

Determinadas espécies citadas pelos moradores já apresentaram atividade farmacológica encontrada na literatura, como: *Gossypium herbaceum* (algodão): restaura fluxo menstrual e limpeza interna dos órgãos femininos; *Curatella americana* (lixeira): atividade anti-hipertensiva e vasodilatadora; *Matricaria chamomila* (camomila): efeito sedativo; *Myracrodruon urundeuva* (aroeira): atividade cicatrizante, anti-inflamatória e analgésica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria dos moradores prefere utilizar os remédios naturais, principalmente em relação às doenças mais comuns no dia-a-dia, como: gripe, resfriado, dor de cabeça, tosse, azia e dor no estômago. A origem rural dos moradores, e sua condição socioeconômica, possivelmente contribuíram para o acúmulo de conhecimento sobre o tratamento de diversas enfermidades utilizando preparados feitos à base de plantas medicinais. Nota-se que o conhecimento local sobre o uso das plantas é vasto. Assim, é importante que haja novos estudos no local para obtenção de mais informações sobre o uso e o manejo que os moradores dispensam às plantas na comunidade local e, assim evitando a erosão cultural.

## AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de mestrado concedida à primeira autora; aos informantes da Comunidade São Miguel, que gentilmente com toda humildade nos receberam e sem os quais não seria possível a realização da pesquisa.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

ALBUQUERQUE, Ulisses Paulino; ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcanti. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, v. 16, n. 3, p. 273-85, 2002.

AMOROZO, Maria Christina Mello. Agricultura tradicional: espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, U. P.; ALVES, A. G.; SILVA, A. C.B.; SILVA, V. A. (Orgs.). **Atualidades em Etnobotânica e Etnoecologia**. Recife: SBEE; 2002. p. 123-131.

CABALLERO, Javier. La Etnobotánica. In: BARRERA, A. (ed.). **La Etnobotánica: tres puntos de vista y una perspectiva**. Xalapa: INIREB. 1979. p. 27-30.

DE DAVID, Margô; PASA, Maria Corette. Saber popular e as plantas medicinais em Várzea Grande, MT, Brasil. **FLOVET**, n. 5, 2013.

FUNASA, Fundação nacional de saúde. Ministério da saúde. Relatório Final. Brasília, 2007. 117 p.

FREITAS, Ana Valeria Lacerda; COELHO, Maria de Fatima Barbosa; MAIA, Sandra Sely Silveira; AZEVEDO, Rodrigo Aleixo Brito de. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 10, n. 1, p. 48-59, 2012.

FRIEDMAN, John. A preliminary classification of the healing potential of medicinal plants, based on a rational analysis of ethnopharmacology field survey among bedouins in the Negev desert, Israel. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 16, n. 2-3, p. 275-287, 1986.

INMET, Instituto Nacional de Meteorologia do Ministério da Agricultura. **Boletim Agroclimatológico**, v. 30, n. 1, p. 1-12, 1996.

LORENZI HE, MATOS FJA. **Plantas medicinais no Brasil/ Nativas e exóticas**. Nova Odessa: Instituto Plantarum. 2002. 512 p.

MEDEIROS, Maria Franco Trindade; FONSECA, Viviane Stern da; ANDREATA, Regina Helena Potsch. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, v. 18, n. 2, p. 391-399, 2004.

MACHADO, Adriana Quixabeira; ROMIO, Alan Mato Grosso; CHITARRA, Gilma Silva. **Seleção de cultivares de tomate para plantio em Várzea Grande - MT**. UNIVAG Centro Universitário. Grupo de Produção Acadêmica de Ciências Agrárias e Biológicas, Várzea Grande-MT. Disponível em <[http://www.abhorticultura.com.br/biblioteca/arquivos/Download/Biblioteca/46\\_0256.pdf](http://www.abhorticultura.com.br/biblioteca/arquivos/Download/Biblioteca/46_0256.pdf)>. Acesso: 03 Maio 2013.

MS, Ministério da Saúde. Dispõe sobre Portaria 971, de 3 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Diário Oficial da União, n. 84, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de. Souza Minayo. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Hucitec/Rio de Janeiro: Abrasco, São Paulo, 1992. 269p.

MING, Lin Chau. **Plantas medicinais na Reserva Extrativista Chico Mendes**. Uma visão etnobotânica. UNESP. São Paulo, 2006. 122p.

MOSCA, Vanessa Pereira; LOIOLA, Maria Iracema Bezerra. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. **Revista Caatinga**, v. 22, n. 4, p. 225-34, 2009.

OAKLEY, Emily. Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural. **Agriculturas**, v. 1, n. 1, p. 37-39, 2004.

OLIVEIRA, Aguinaldo Gentil de. **Avaliação das temperaturas superficiais do solo em relação à conformação urbana existente na Praça do Aeroporto Marechal Rondon em**

**Várzea Grande/MT.** 2008. 81f. Dissertação (Mestrado em Física e Meio Ambiente) - Instituto de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT.

OMS; UICN; WWF. **Directrices sobre conservación de plantas medicinales.** Londres: Media Natura, 2000.

PASA, Maria Corette. **Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá, Cuiabá, MT.** Cuiabá: Ed. Entrelinhas. 2007. 143p.

PASA, Maria Corette. Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, n. 1, p. 179-196, 2011.

PASA, Maria Corette; GUARIM NETO, Germano; OLIVEIRA, Waleska Arruda. A etnobotânica e as plantas usadas como remédio na comunidade Bom Jardim, MT, Brasil. **FLOVET**, n.3, 2011.

PASA, Maria Corette; SOARES, João Juarez; GUARIM NETO, Germano. 2005. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botânica Brasílica**, v. 19, n. 2, p. 195-207, 2005.

PINTO, Erika de Paula Pedro; AMOROZO, Maria Christina Mello; FURLAN, Antonio. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, v. 20, n. 4, p. 751-762, 2006.

PHILLIPS, Oliver. Some quantitative methods for analyzing ethnobotanical knowledge. In: ALEXIADES, M. (Ed.). **Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: a field manual.** New York Missouri Botanical Garden, 1996. p. 172-197.

ROQUE, A. A; ROCHA, R. M; LOIOLA, Maria Iracema Bezerra. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (nordeste do Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 12, n. 1, p. 31-42, 2010.

SOUZA, Mariane Duarte de; PASA, Maria Corette. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em uma área rural na região de Rondonópolis, Mato Grosso. **Biodiversidade**, v. 12, n. 1, p. 138-145, 2013.

ZUCCHI, Marcelo Ribeiro; OLIVEIRA JÚNIOR, VF; GUSSONI, MA; SILVA, MB; SILVA, FC; MARQUES, NE. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de Ipameri – GO. **Revista Brasileira Plantas Mediciniais**, v. 15, n. 2, p.273-279, 2013.